

A Arquitectura Mista e a Urbanização de Macau

Este artigo trata da arquitectura mista e da urbanização de Macau feita pelos portugueses e das suas raízes ou influências ocidentais. Outras influências europeias foram sentidas também, e em particular as italianas e espanholas, desde o século XVI até ao século XVIII, por via da força militar ou da religião. As tendências francesas foram amplamente sentidas durante o século XIX, motivadas pela moda do tempo e pela atracção de estar *à la mode*. Desde a origem de Macau, outros arquétipos e sensibilidades foram trazidos pelos portugueses dos longínquos Brasil e Marrocos, ou de Goa e de Ceilão. Naquelas paragens aprenderam e desenvolveram técnicas tropicais africanas e orientais e o uso de novos materiais e conhecimentos autóctones do clima e abordagens espaciais nunca vistas antes na Europa. Houve também, de um modo mais ou menos directo, intercâmbios culturais através de contactos entre as gentes de Macau e as de Malaca, Filipinas, Índia, Java e Japão, entre outras. Por último, a influência da cultura chinesa está universalmente presente nesta arquitectura de aspecto ocidental e na urbanização, desde o processo de construção e materiais até aos detalhes ornamentais e à organização espacial, de acordo com a estrutura rígida da família e do lar – um padrão de vida tradicional e os princípios do *fengshui*. Estes mesmos princípios podem ser encontrados no processo de consolidação das estruturas urbanas em padrões espaciais mais definidos e duradouros. Esta fusão da arquitectura e urbanização, enriquecida pelo tempo e espaço e por influências multiculturais, gerou uma cultura arquitectónica fascinante e específica de Macau que o autor refere como arquitectura mista e urbanização de Macau (AMUM). Este texto explica como Macau evoluiu, ao longo dos últimos quatro séculos e meio, através da sua arquitectura e estruturas urbanas e apresenta o trabalho de preservação arquitectónica feito no território durante as últimas duas décadas e meia, dando exemplos de sucessos e fracassos.

[Autor: Carlos Marreiros, pp. 6-41]

Desenvolvimento do Tecido Urbano da Cidade de Macau: Urbanismos e Urbanidades

O estudo sobre o Desenvolvimento Urbano da Cidade de Macau foi iniciado em 1998, no âmbito de uma Bolsa de Investigação do Instituto Cultural de Macau, manifestando-se à partida por três aspectos essenciais: 1) Não reproduzir nem apresentar receitas e terapêuticas para o crescimento e embelezamento da cidade; 2) Denunciar construtivamente os erros cometidos pelas várias administrações que geriram nos últimos anos a política de gestão urbana da cidade; 3) Apresentar soluções simples que permitissem às instituições responsáveis pela gestão do território um planeamento evolutivo e corrente da cidade.

Tratou-se de um trabalho de pesquisa sobre os aspectos urbanísticos, nomeadamente sobre o crescimento urbano da cidade, os processos, normas e critérios que entretanto foram aplicados pelas inúmeras administrações portuguesas que geriram o território. A opinião expressa pelo autor, ainda que por vezes crítica, reflecte também o exercício da profissão de arquitecto, enquanto gestor urbano dos territórios... face a algumas dificuldades correntes de ordem administrativa e política, mas sobretudo à necessidade de pôr em prática mecanismos simples de gestão urbana. A presença portuguesa em Macau, para além de se impor no decorrer de quinhentos anos... como poder administrativo e político, afastou-se sempre da comunidade chinesa, quer por motivos de ordem linguística, quer por falta de vontade política, apesar da existência de uma certa cumplicidade comercial e negocial entre as duas comunidades, “conciliando-se clandestinamente” à revelia de Lisboa e Pequim. Macau, pelas suas características geográficas, paisagísticas e arquitectónicas, é ainda hoje um território de diferenças, apesar da sua agressiva silhueta urbana que se vislumbra do outro lado do rio. Planeadamente, a cidade foi destruída, como que adormecida no decorrer dos anos ao sabor da calma de um fim de tarde, irreconhecível pelas torres de betão que a tornaram tão incaracterística, como se tentasse à pressa ir ao encontro de Hong Kong e despertasse de um tempo perdido.

Da Rua Central à Rua da Felicidade, passando pelo Largo do Senado, é o pulsar da cidade, de dia e de noite, onde ourives, joalheiros, modistas, costureiros, barbeiros, comidas, cambistas e penhores, néons, cheiros, barulhos, costumes e tradições, se misturam numa disciplina urbana inconfundível, com aspectos de urbanidade e de escala que definem as cidades, todas diferentes entre si, mas com alguns lugares bem comuns, se atendermos a que o seu crescimento deve ser feito com rigor e respeitando a sua identidade urbana. Para que se mantenham vivos estes lugares comuns, é necessário que as cidades, ou melhor a sua gestão urbana, beneficie de instrumentos e mecanismos que possam acautelar excessos de construção, destruição de espaços verdes e património construído. Um desses instrumentos urbanísticos seria o estabelecimento de um Plano de Intervenção Permanente, actualizável no tempo e definidor de uma política urbanística de crescimento da cidade, apoiando os grandes agentes económicos, factor de desenvolvimento e de investimento é certo, mas também a totalidade dos cidadãos, mesmo aqueles que, não tendo grande poder económico, são culturalmente o pulsar da cidade e que na generalidade são sistematicamente marginalizados pelos poderes instituídos. Por outro lado, a aplicação destes mecanismos de gestão da cidade deveria ser entregue a instituições públicas de proximidade com as populações, ou sejam os Municípios, situação hoje generalizada na Europa, onde o Poder Local é parceiro social de enorme importância.

[Autor: João Vicente Massapina, pp. 42-57]

Discurso sobre a Cidade: Formação da Identidade e Mudança Urbana na Macau Contemporânea

Quando os residentes urbanos falam acerca de mudanças no ambiente físico da cidade que os envolve, de que mais falam? O discurso sobre a cidade tem sido um meio para os habitantes comentarem as mudanças sociais, políticas e económicas que orientam a mudança urbana. Durante o período de transição que culminou na

transferência em 1999, a mudança urbana e o discurso acerca dela eram constantes em Macau. Este documento explora estas mudanças, e estes discursos, com a ideia de compreender a relação com um outro tema maior de Macau dos anos 90: a tentativa do Estado inspirar entre os residentes de Macau um sentido de pertença à sua cidade e à sua identidade cultural, numa era de transição e incerteza. O documento (um relatório preliminar na investigação conduzida entre 1997 e 1999) define e adota uma abordagem etnográfica do meio urbano, focando não apenas o modo como a cidade pode ser “lida” como texto, nem tão simplesmente como a “mão invisível” da política económica deu forma ao perfil da cidade, mas também o modo como as pessoas falavam acerca disso, interagiam com, e se moviam dentro deste ambiente. Através de uma análise detalhada de dois estudos casuísticos – a iniciativa da preservação do património, por um lado, e os novos distritos residenciais no norte de Macau, por outro – tornou-se claro que, contrariamente à crença popular, a mudança urbana podia ser complementar, muito mais que antitética a um emergente sentimento de pertença ao local que pode cortar, mas não apagar, linhas de nacionalidade, etnicidade e linguagem. [Autor: Cathryn Hope Clayton, pp.58-81]

O Cromossoma Português: Reflexões acerca da Formação da Identidade de Macau (Séculos XVI-XVII)

Investigar e interpretar o passado de Macau enquanto plataforma privilegiada para a discussão acerca do lugar que a cidade ocupa, ou pode ocupar, nas relações entre a China e o Ocidente, é um exercício que conduz inevitavelmente à busca da sua natureza estrutural e, bem assim, das suas marcas identitárias mais profundas. Tal objectivo permite, no entanto, uma multiplicidade de aproximações. A evocação das origens de Macau, cujo estudo tem conhecido progressos assinaláveis nos últimos anos, é uma das vias possíveis. Outro caminho a explorar é o da análise do “estrato” chinês da cidade, desde esmiuçar o que seria Macau antes de ser Macau até à revelação do que foram

dizendo e decidindo os Chineses sobre essa “úlceras no sul” que medrou desde o meado do século XVI. Neste artigo, optámos por dar relevo aos fundamentos históricos do “estrato” português da cidade como um dos elementos nucleares para a definição da sua identidade. Trata-se de conhecer, com algum detalhe, a fisionomia da Macau portuguesa nos dois primeiros séculos da sua existência, sem todavia ceder à tentação de repetir lugares-comuns acerca da “Cidade do Nome de Deus”. Em nosso entender, o Cromossoma Português reconhece-se na estrutura original da cidade, nas pessoas que lhe deram vida, nas instituições que a regeram, na estratégia político-comercial dos seus notáveis. Não curaremos do significado cultural de Macau ou do extraordinário ascendente da Igreja sobre todos os domínios da vida da cidade nessa época. O nosso objecto é a oligarquia local, considerada nas suas múltiplas dimensões. Às transformações ocorridas no início do século XIX vieram juntar-se muitas outras, que vertiginosamente mudaram a fisionomia de Macau nos dois últimos séculos. O que ficou do Cromossoma Português, o que resta do primitivo carácter da cidade e do cunho que lhe imprimiu a sua elite político-social, é o que importa continuar a estudar. [Autor: Jorge Manuel Flores, pp. 82-95]

Quando o Tempo Rescende: A Obra de José Catela

Não existe disponível uma biografia do fotógrafo Catela, como era conhecido. Contudo, sabe-se que José Catela, originário de Portugal, casou em Macau com uma senhora macaense da qual teve descendência que lhe herdou o espólio fotográfico, tendo falecido em Macau, sua terra de adopção. Tendo exercido a sua actividade de fotógrafo na Administração de Macau, José Catela era visto em todo o lado, cobrindo todos os eventos públicos, além dos quais terá por sua livre vontade elaborado importante documentação sobre os usos e costumes chineses de Macau que se centram fundamentalmente nos finais dos anos 30 e atravessam os anos 40. Esta documentação que agora é dada à luz, actual pertença da Fundação Macau, encontra-se publicada no álbum *Macau* –

Memórias Reveladas, editado em conjunto pela então Fundação para a Cooperação e Desenvolvimento e pelo Museu de Arte de Macau, tendo a obra do fotógrafo português sido exposta no aludido Museu. Esta faceta da obra de José Catela distingue-se pela importância fundamental para a compreensão, enquanto legado, do modo como no período atrás aludido vivia em Macau uma significativa parte da comunidade chinesa de extracção mais popular, estando amplamente documentados os seus hábitos, costumes e cultura em geral. A importância etno-antropológica da obra de José Catela pode ser vastamente avaliada pela amostragem fotográfica que se divulga no artigo. [Autor: António Conceição Júnior, pp. 96-113]

Uma Passagem através da Índia: Missionários Jesuítas em Viagem para a Ásia Oriental, 1570-1700

Durante o curso do período moderno, centenas de jovens europeus foram enviados pela Companhia de Jesus para apoiar os seus colegas e as missões nas Índias. Para os que embarcaram para o Oriente, as terras pagãs onde Francisco Xavier tinha pregado o Evangelho cresciam na imaginação, em particular a China e o Japão. Porém, devido à grandeza dos compromissos dentro e fora do Estado Português da Índia, nem todos os que tinham pedido aos seus superiores europeus para partirem para a Ásia conseguiram chegar rapidamente aos territórios de missão da sua escolha. Ao contrário, muitos destes voluntariosos padres e irmãos foram colocados a trabalhar nos colégios coloniais da Ordem na Índia, executando os mesmos deveres pastorais e de ensino que faziam na Europa. Aqui, as visões da glória missionária e da aventura espiritual chocavam com as necessidades da Companhia de Jesus de apoiar os locais com padres, confessores e professores. Em vez de partir para o Oriente, seguindo as pisadas do Apóstolo do Oriente, muitos missionários esperavam ansiosos em Goa, Cochim, ou em outros lugares, pela sua oportunidade para “conquistar almas”. Para além dos problemas que esta prática causava aos jovens missionários, ela

RESUMOS

afectava também severamente as missões da Ásia Oriental, privando-as da necessária aptidão humana. Para os superiores das províncias chinesas e japonesas, a Índia – e não as condições perigosas encontradas nos barcos recentes – apresentava o maior obstáculo ao fortalecimento das suas missões. Em Goa, diziam, apenas havia doença, desordem e diversão, uma sociedade híbrida que combinava os piores elementos da Europa e da Ásia. Para resolver a situação, sugeriram, repetidamente, aos missionários designados para os seus territórios, meios para evitar a Índia ou, pelo menos, de passarem pelos colégios jesuítas o mais rapidamente possível, no seu caminho para Macau. Este artigo examina os confrontos entre os jesuítas da Ásia Ocidental e Oriental e do modo como lutaram pelos recursos humanos que permitiriam levar a bom termo os seus ambiciosos projectos apostólicos no Oriente.

[Autor: Liam M. Brockey, pp. 114-125]

Os Missionários Ocidentais e Macau durante o Período do Imperador Kangxi

Durante as dinastias Ming e Qing, Macau tornou-se o centro do catolicismo no Oriente. A situação dos missionários católico romanos em Macau esteve desde sempre à mercê das tendências políticas e económicas na China e em Portugal. Usando documentos do governo imperial chinês, o envolvimento dos missionários na China e em Macau pode ser analisada sob uma perspectiva chinesa. Sendo o imperador Kangxi ainda uma criança, o Conselho Imperial das Ritos opôs-se às inovações introduzidas por Adam Schall von Bell e outros, particularmente no calendário, defendendo a execução dos missionários e a demolição das igrejas. Como resultado, quase todos os missionários ficaram restringidos à província de Guangdong e é mesmo incerto se aos portugueses foi permitido permanecer em Macau. A proibição do comércio marítimo, imposta de 1656 a 1684 para subjugar uma rebelião em Taiwan, foi outro duro golpe para os missionários e para Macau. O imperador Kangxi, contudo, mostrou-se muito interessado em aprender as ciências e tecnologias ocidentais e aceitou de bom

grado a vinda de missionários de talento para a China. Mas a Controvérsia dos Ritos provocou uma nova crise. Em 1704, o Papa Clemente XI através de uma encíclica proibiu aos católicos a participação em cerimónias em honra de Confúcio ou dos seus antepassados, ou mesmo o uso de nomes chineses para designar Deus. Tudo isto era inaceitável para Kangxi. Os portugueses tentaram desesperadamente evitar a ruptura, promovendo a diplomacia com o Papa e com o Imperador. O rei D. João V ordenou, mesmo, aos oficiais em Macau a prisão do enviado do Papa para impedir que este anunciasse a proibição dos ritos chineses. Kangxi expulsou todos os missionários excepto os que concordavam permitir os ritos chineses, mas continuou a receber em Pequim os missionários eruditos em artes e ciências. Estes entravam na China através de Macau, que continuava a ser um importante centro religioso e mercantil durante os últimos anos do reinado de Kangxi.

[Autor: Liu Xiaomeng [刘小萌], pp. 126-135]

A Dimensão da Alteridade em *The Travels* de Peter Mundy (1637): Contribuição para o Estudo das Relações Anglo-Portuguesas no Extremo Oriente

Em 1637, a frota comandada pelo *interloper* inglês John Weddell chega a Macau, dando, assim, início às relações anglo-portuguesas no Extremo Oriente. A bordo de uma das embarcações encontra-se Peter Mundy que, durante a sua estada na cidade, descreve o modo de vida dos habitantes chineses, portugueses e japoneses, bem como a influência destas comunidades na cultura cosmopolita do enclave. A descrição de Mundy apresenta-se como uma fonte essencial e única para o estudo quer da História de Macau quer das relações anglo-portuguesas no Extremo Oriente, nos aspectos diplomático, económico, cultural e religioso, entre muitos outros. Sendo a presença humana recorrente e primordial neste documento, este goza ainda de um valor antropológico acrescido, podendo ser

complementado com a leitura de outras descrições coevas, nomeadamente a de António Bocarro (1635) e Marco D' Avalo (1638). Enquanto representação do microcosmos que se desvenda perante o filtro do olhar do narrador, o diário adquire um estatuto de sinceridade que o transforma, por vezes, em fonte histórica por excelência, usufruindo de valor e estatuto especiais, na medida em que é fruto de um olhar externo, embora europeu, da realidade quotidiana de Macau da primeira metade do século XVII. O exotismo, ou seja, a “estética do diverso” marca presença recorrente ao longo de toda a descrição, na qual o espanto, a estranheza e a diversidade são constantes, concorrendo para a representação do final da era ‘dourada’ da cidade, dimensões estas que analisamos neste nosso artigo.

[Autor: Rogério Miguel Puga, pp. 136-152]

A Questão do Tráfico do Ópio na História de Macau

O ópio é uma substância produzida a partir do látex extraído das cápsulas de certas espécies de papoilas, que possui propriedades analgésicas e antidiarreicas. Para além de entrar na composição de diversos fármacos, pode também, graças às suas características estimulantes, ser utilizado como estupefaciente. O seu uso excessivo, contudo, provoca dependência física e psicológica. O ópio era conhecido na China desde tempos antigos, aparecendo mencionado em diversos textos clássicos chineses. Mas terão sido os portugueses, após o seu estabelecimento em Macau, os responsáveis pela difusão do consumo de ópio nas regiões meridionais da China. Os portugueses, a partir de meados do século XVI, transportam pequenas quantidades de ópio (ou anfião, como então lhe chamavam) das regiões produtoras, sobretudo da Índia, para o litoral chinês. Em finais do século XVII, já passavam anualmente por Macau, em direcção à China, cerca de 50 toneladas de ópio, indício de que o consumo desta droga estava implantado. Outras potências europeias, como a Inglaterra e a Holanda, utilizaram amiúde o porto macaense como entreposto para os seus rentáveis negócios de ópio. A valiosa mercadoria era

ABSTRACTS

adquirida em Macau por mercadores chineses, que se encarregavam da distribuição pelo território imperial, com a intervenção de uma vasta rede de colaboradores, da qual faziam parte importantes funcionários das administrações portuguesa e chinesa. O governo da dinastia Qing assumiu a gravidade do problema do consumo do ópio a partir de 1729, data da primeira legislação proibitiva. As autoridades portuguesas de Macau tentaram repetidamente controlar a intervenção de outras potências europeias neste lucrativo tráfico. Porém, os ingleses, e sobretudo a sua Companhia das Índias Orientais, começaram a assumir-se como fortes competidores nos negócios de ópio a partir de 1780. Desde então, e até à eclosão da Guerra do Ópio entre a China e a Inglaterra, vive-se na região de Macau uma complexa situação, marcada pela forte concorrência entre portugueses e ingleses na luta pelo controle do tráfico de ópio, tendo como pano de fundo as sucessivas proibições decretadas pelas autoridades imperiais chinesas.

[Autor: Guo Weidong [郭卫东], pp. 153-163]

Educação e Mudança na Comunidade Portuguesa de Macau

Este documento foca a diversidade de projectos educacionais implementados em Macau, particularmente aqueles que visavam a comunidade portuguesa, de modo a compreender até que ponto eles reflectem o contexto social, e os processos histórico e cultural através dos quais foram criados. A investigação dos modelos de educação em Macau e os contextos sociais em que emergiram levanta quatro questões importantes:

a) Faz sentido falar-se de um único sistema educativo em Macau? b) Podemos falar de um modelo local de educação colonial e, se sim, com que extensão? c) Qual é a relação entre os amplos objectivos de vários projectos educativos, a língua de aprendizagem e o perfil curricular? d) Que factores e cenários influenciaram as políticas educativas em Macau? Com que extensão as relações entre comunidades diferentes determinaram o sucesso ou a falência de certas políticas educativas?

A tentativa de responder a estas questões leva-nos a explorar a existência de vários sistemas educativos desenvolvidos pela

população portuguesa em Macau, que tomou forma em resposta à mudança das necessidades económicas, políticas e culturais da região. O documento cobre o desenvolvimento da educação desde a chegada dos portugueses a Macau em 1557 até meados do século XX, tomando particular atenção ao período entre o estabelecimento do tratado dos portos em 1842 e a tentativa de Portugal formalizar o estatuto colonial e provincial de Macau em finais do século XIX. Daqui ressalta a sugestão da necessidade de considerar três perspectivas diferentes em relação aos objectivos e aos alvos da educação, irradiando de três grupos de interesse diferentes, envolvidos no processo educativo em Macau:

a) educação religiosa, promovida pelas ordens religiosas e pela Igreja Católica local; b) educação local, orientada para a resolução das necessidades da diáspora portuguesa local trabalhando ao abrigo do tratado dos portos, e c) educação metropolitana, baseada em padrões provinciais ou organizativos da educação no vasto império colonial português.

[Autor: Rui Almeida Simões, pp. 164-175]

ABSTRACTS

Macao Mixed Architecture and Urbanization

Macao's architecture and urbanization is a mix of Portuguese and other Western influences in a Chinese environment. Other European influences were also felt, in particular Italian and Spanish during the sixteenth through the eighteenth centuries, through the force of religion. French tendencies were also strongly seen during the nineteenth century, driven by the fashion of the time and a tendency to be *à la mode*. Since the very beginning of Macao, other mixed archetypes and sensibilities were brought by the Portuguese from faraway Brazil and Morocco, or from Goa and Ceylon. In these places they learnt and developed tropical African and oriental skills and techniques, and the use of new materials and autochthonous knowledge of climate

and spatial approaches never seen before in Europe. There were also, more or less direct cultural interchanges through contact between the people of Macao and those from Malacca, the Philippines, India, Java, Japan and so on. Last but not least, the Chinese approach to architecture is pervasively present in this western-looking architecture and urbanization, from the building process and materials to ornamental details and spatial organisation, according to the rigid structure of the Chinese family and household – the traditional lifestyle and *fengshui* principles. These same principles can be found in the process of consolidation of urban structures into more definitive urban spatial patterns. This fusion of architecture and urbanization, enriched by time and space and by multicultural influences, generated

a fascinating and specific architectural culture of Macao that the author refers to as Macao mixed architecture and urbanization (MMAU). This paper describes how Macao has evolved over the last four and a half centuries through its architecture and urban structures and explains the work of architectural preservation done in the territory over the last two decades and a half, giving examples of successes and failures. [Author: Carlos Marreiros, pp. 6-41]

Development of the Urban Fabric of Macao: Urbanism and Urbanity

This study of the urban development of the city of Macao was initiated in 1998 under a research grant from the Cultural Institute of Macao. Its main objectives